

Ans. Const.

Arachibutyrophobia

OTTO LARA RESENDE

"Estou farto de desilusões." José de Alencar

Só há um tema que, discutido na Constituinte de 1946, não será agora discutido na Constituinte de 1987 — é a mudança da Capital. No mais, veremos o **video tape** completo, a que se vão acrescentar alguns itens que os tempos e as modas impõem. Matéria do Código Civil e até de posturas municipais vai pipocar de todo lado. Sem falar no debate filosófico e rasteiro da eutanásia, do aborto e da droga. O controle da natalidade virá embalado nos eufemismos correntes. A dívida externa provocará um dilúvio de sugestões e soluções.

Com todo o direito e digno de ser ouvido, depois de séculos de um silêncio tumular, o feminismo terá voz e direito a voto. Muita saliva, muito papel e muito microfone serão gastos para dizer, em todos os tons, que a mulher também é gente. Esperemos que dezenas de milhões de homens (e mulheres), que vivem na abjeta igualdade da miséria absoluta, também encontrem porta-vozes e defensores com a eloquência e a obstinação dos advogados e das advogadas da causa feminista.

A rigor, porém, tudo são velharias. Afinal as iradas e pioneiras **sufrajettes** já morreram de velhice. Como sempre, a novidade chega ao Brasil de cabelos brancos. Em 1946 também se falava da igualdade dos sexos. Falava-se até da ecologia. A palavra é que ainda não estava na moda, nem os **verdes** despertavam a atenção que despertam hoje na Europa e nos Estados Unidos. Em consequência, no Brasil.

O artigo 175 da Constituição de 1946 reza com todas as letras que "as paisagens e os locais dotados de particular beleza ficam sob a proteção do poder público". Quem sabe como caminha o debate constituinte pode fazer idéia de como é penoso e complicado chegar, por exemplo, ao consenso público desse adjetivo particular. Exige paciência de Job. Ou melhor: de Pazzianotto. Uma vez feita a escolha, votada e promulgada a Constituição, começa a controvérsia e chovem os hermenutas. Os armados inclusive.

Nem por terem entrado na Constituição se dirá que as paisagens e os locais dotados de particular beleza tiveram melhor sorte a partir de 1946. A sorte foi a mesma que a partir de 1548, quando foi feito o Regimento que o Governador Geral Tomé de Sousa trouxe nas caravelas coloni-

zadoras. Um espírito realista dirá até que as coisas só fizeram piorar de 1548 para cá. De fato os recursos predatórios apuraram a técnica da destruição, que hoje conta com napalm, gases tóxicos, serra elétrica e computador. Quem quiser pergunte aos índios.

A mudança da Capital, que, salvo engano ou excentricidade, não está na pauta da Constituinte que se abre hoje, é um bom exemplo de como uma idéia no Brasil passa da concepção à realização. Em 1808, quando aqui chegou o Príncipe Regente, cogitou-se de mudar a Capital para um lugar menos insalubre. Em 1821, José Bonifácio era mudancista e mudancista continuou na Constituinte de 1823. A idéia, aliás, vinha do Tiradentes, de 1789, que com toda a razão queria a República e a sua Capital em São João Del Rei. Em 1891, 1934 e 1946, a maioria votou pela Nova Capital — e erguida lá onde hoje se ergue, no Planalto Central.

Podemos contar, pois, 200 anos de tenso e intenso debate para que o projeto se concretizasse. A Constituinte de 87 é a primeira que se reúne fora do Rio. Por via das dúvidas, não convém fazer um plebiscito para saber se a Capital deve continuar onde está. Sendo até hoje fonte de controvérsia, Brasília ilustra bem o cronograma brasileiro. Os apressados tenham paciência. O debate entre nós em torno da reforma agrária, por exemplo, ainda não completou cinco séculos. Pode esperar.

A expectativa em torno da Constituição é imensa. Em 1946, discutiu-se muito a enfiteuse. E o laudêmio. Um bom número de representantes vai querer despejar tudo no texto constitucional — da cura dos calos ao lixo atômico, da araquibutirofobia à defesa do espaço cósmico. No fim o bom senso vence e o debate é saudável. Lendo um artigo de William F. Buckley Jr., sobre a mania de palavras difíceis, é que aprendi o que é, em inglês, **arachibutyrophobia** — o medo de que a manteiga de amendoim agarre no céu da boca. Problema sério, como se vê. Não tão sério, me perdoe o Deputado Fernando Lyra, é a escolha do presidente da Constituinte. Ou o seu símbolo. Só pode ser Ulysses Guimarães. E vamos confiar e orar, porque vai dar tudo certo. Ou pelo menos vai melhorar.